

## COLUNA DO CASTELLO

### Sarney começa a governar

O Presidente José Sarney já tomou providências autônomas, prescindindo de consultas. Uma delas, a de comunicar ao Presidente do Senado o falecimento do Presidente e sua assunção na Presidência em caráter definitivo, conforme reza o Art. 76 da Constituição. O Presidente do Senado aceitou a comunicação e encerrou a sessão do Congresso, deliberadamente ou não, mas em tempo de evitar manifestações individuais e questões de ordem que poderiam suscitar preliminares de um debate prematuro sobre o futuro do país.

Outra decisão do Presidente, essa de menor relevo, mas nem por isso menos elogiável, foi a de transferir-se para o Palácio da Alvorada, residência oficial dos Presidentes da República, ocupada por todos os Presidentes desde Juscelino Kubitschek e desprezada apenas pelo Presidente João Figueiredo, mais afeito aos ares campestres da Granja do Torto. As granjas de Brasília, construídas pela Novacap para sede de experiências agrícolas e pecuárias, foram dotadas de boas casas que, na época, foram ocupadas pelos diretores da companhia. Depois, tudo nelas aconteceu e a única coisa razoável é sua utilização para residência alternativa, de fim de semana ou de verão, para o Presidente.

O Palácio do Jaburu será praticamente desativado, como desativada será a Vice-Presidência da República, que deixa de existir durante o mandato do Sr Sarney. Os substitutos eventuais do Presidente, como esclarece em carta o advogado goiano Carlotman Galheiro Marinho, o são somente nos casos previstos na Carta Magna, mas não são sucessores. Desaparecendo Presidente e Vice, a ocupação eventual por um dos substitutos exige a realização de eleição para um novo Presidente. A Vice-Presidência, com um pomposo gabinete que ocupa todo um andar do Banco do Brasil, é uma entidade gerada pela ocupação militar do Poder. Os militares estão habituados a um tratamento especial que os civis sabem não lhes ser devido. Foi o caso de Pedro Aleixo, de José Maria de Alkmim e de todos os ex-Vice-Presidentes civis.

Desativando-se a Vice-Presidência desenvolvem-se às suas repartições 117 funcionários e ao Banco do Brasil um andar necessário para a permanente expansão dos seus serviços. O Jaburu será obviamente conservado e eventualmente funcionará como uma blair house para hospedar visitantes ilustres.

Se os futuros Vice-Presidentes guardarem a modéstia republicana dos civis que tiveram antes essa expectativa de mandato, é possível que nunca mais volte um Vice-Presidente a custar tanto ao país quanto o custaram os militares e, por constringida extensão, os Srs Aureliano Chaves e José Sarney.

Trata-se, portanto, de uma boa oportunidade para suprimir uma pompa que se associava a uma das mais custosas mordomias da República. E a devolver à vida pública o caráter de austeridade que lhe deve ser inerente.

### O novo Governo

A partir de hoje o Sr José Sarney já não precisa consultar listas passadas para preencher cargos públicos, mas isso não o exime da responsabilidade de ouvir ministros, governadores e lideranças partidárias sobre conveniência de nomeações de certas pessoas para certas posições. O fato é que as diretorias de Bancos, da Caixa Econômica e de outras instituições nas quais perduraram claros serão preenchidas sob a responsabilidade do novo Presidente e segundo o critério dominante da conveniência política e administrativa do seu Governo.

Como se espera, a primeira mudança ocorrerá na assessoria imediata do Presidente, vagos que estão pelo menos quatro postos, os ocupados pelos Srs Tancredo Augusto, Aécio Neves Cunha, Dona Antônia e Mauro Salles. O Sr Sarney deve ter já suas escolhas feitas e possivelmente as anunciará hoje, mesmo porque seu secretário particular, Jorge Murad, está trabalhando sem que exista ainda seu ato de nomeação. Fala-se que o Sr Marcos Vinícius Villaça assumirá uma dessas assessorias. Ele é velho amigo do Presidente. E, nesse terreno, se problemas políticos induziram o Sr José Hugo Castelo Branco a deixar a chefia do Gabinete Civil, o nome que emerge é o de outro amigo pessoal do Presidente, o ex-Governador Abreu Sodré, de São Paulo.

A eventual escolha do Sr Sodré iniciaria um transplante das bases do Governo de Minas Gerais para São Paulo. Minas perderia em benefício do grande Estado seu primeiro posto, podendo, na sucessão dos acontecimentos, perder outros, desaparecendo uma hegemonia decorrente da eleição de Tancredo Neves para Presidente da República. Os Srs Aureliano Chaves, Hélio Garcia e José Aparecido estão muito vigilantes com relação à preservação da influência mineira na República. Não só no setor político como no setor econômico. A escolha do Sr Sodré para o Gabinete Civil seria a entrega de uma posição-chave da assessoria política do Presidente a São Paulo, Estado que, como se sabe, continua inconformado por não ter mantido o comando da gestão econômico-financeira do país.

CARLOS CASTELLO BRANCO